

Aprender Psicologia

Maria Luisa Silveira TELES, São Paulo: Brasiliense, 1990. 107 p.

Dirceu Ricci CARVALHO*

A *história da Psicologia*, propriamente, no Brasil, ainda está por se fazer, assinala Anita Cabral¹. Queria a autora expressar, com aquelas palavras, a inexistência, até então, da pesquisa sistemática e, conseqüentemente, a não produção do conhecimento científico.

As primeiras universidades começaram a ser formadas em 1934. O estudo da Psicologia se realizou durante décadas, porém, na cadeira de Filosofia. Os cursos oferecidos eram, geralmente, de caráter monográfico e discursivo. Não havia atividades em laboratório e nem estudos de campo. Isto só viria a acontecer por volta de 1945.

A falta de universidades condicionava o autodidatismo e, sobretudo, a dependência do acaso. Viam-se, assim, dependentes de leituras ou contatos fortuitos ilustres representantes da inteligência nacional. Benjamin Constant descobre casualmente, numa livraria do Rio uma das obras de Comte e se torna um arauto do positivismo na Escola Politécnica e na Escola Militar. Não menos dependente das incertezas, o pedagogo Roldão de Barros, mediante empréstimo de um amigo chegado da França, toma conhecimento da versão francesa do *Briefer Course*, de William James, dando início à tradição jamesiana em São Paulo. Lourenço Filho, lecionando numa escola mantida por uma fundação norte-americana em São Paulo, *descobre* na biblioteca dessa instituição livros americanos de Psicologia educacional, leituras que, segundo Cabral (p.7) tiveram acentuada influência na trajetória profissional e acadêmica deste insigne educador.

Com a expansão das escolas e cursos superiores, o autodidatismo se modifica, e outras formas de dependência cultural se configuram a partir de acordos econômicos e acadêmicos entre o Brasil e as nações. O acesso a obras estrangeiras é facilitado pelas traduções de *handbooks*. O crescimento editorial acompanha a expansão dos cursos universitários nas décadas de 1960 e 1970. Os manuais traduzidos para a língua portuguesa estabelecem no Brasil um modelo de livro-texto logo copiado

(*) Professor Doutor do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da FEUSP.

(1) CABRAL, Anita. *A Psicologia no Brasil*. Boletim CXIX, Psicologia, FFCL, USP, 1950, p.26.

por autores nacionais. No campo da Psicologia os livros-textos tendem a espelhar os padrões americanos e europeus tanto no estilo editorial quanto no conteúdo. Não incomumente as obras de autores nacionais revelam desconher a produção científica brasileira. É exatamente o caso de *Aprender Psicologia*.

A presente obra, destinada aos estudantes de ciências humanas e ao público em geral interessado no estudo da Psicologia, compõe-se de três partes: 1) *uma explicitação sucinta da Psicologia*, a origem da palavra *psicologia*, do grego, *psyche*, *alma*, expressão talvez usada pela primeira vez por Melanchton (Filipe Schwarzerd; 1497-1560), sábio teólogo alemão, englobando um apanhado histórico da ciência, e o momento atual, no qual a psicologia engatinhava e encontrava-se numa encruzilhada (p.17) 2) *temas básicos*: descrição sumária de tópicos como emoção, percepção, motivação, etc. No que se refere a aprendizagem a autora não privilegia uma abordagem teórica específica, procurando passar ao leitor uma visão na qual relaciona conceitos de inteligência, motivação, percepção, etc. Idem com relação aos conceitos de maturação, personalidade, textos bem escritos e elucidadores; 3) *teorias*: esta parte é iniciada com uma breve explicitação sobre *teoria*, passa a uma palavra rápida sobre os grandes sistemas de pensamento que marcaram a formação da Psicologia como ciência (estruturalismo, funcionalismo, etc), chegando aos autores que deram origem a, também, verdadeiros sistemas de pensamento: Freud, Jung, Adler, Sullivan, E.Fromm, K.Horney, Maslow, E.Erikson, Reich, Piaget, C.Rogers, Skinner. Um quadro amplo, porém, conciso.

Bem escrito, *Aprender Psicologia* talvez devesse ter outro título, a considerar a estrutura da obra, meramente informativa e, sobretudo, evasiva ao apresentar os *temas* ou discorrer sobre as *teorias*. A visão de ciência psicológica passada ao leitor é a de um *quadro* descritivo acabado. Como compreender o sentido de uma teoria cuja descrição se estabelece descontextualizada do seu momento histórico? Além deste aspecto, muitas das teorias apresentadas são verdadeiros sistemas de pensamento que, é possível dizer, antecede ou transcende as questões, hoje, da Psicologia enquanto disciplina científica; as teorias psicanalíticas apresentadas (Freud, Jung, Adler), envolvem questões ou muito amplas ou muito específicas que o presente projeto editorial não dá conta. Já as posições de Kretschmer, Sheldon (teorias tipológicas) pouco ou nada significam ao pensamento psicológico corrente.

Quanto a apresentação dos temas, este segue o padrão determinado pela psicologia americana ou européia – uma concepção positivista tendente a abstrair o ser humano do seu meio cultural, em favor de um modelo científico espelhado na Física, na Fisiologia, etc – e, diga-se, incentivado pelo *movimento* editorial que acolhe o conhecimento acadêmico como um produto exportável. É o que espelha e suscita a presente obra. Não há referências às teorias relacionadas às questões emergentes da aprendizagem escolar, aos estudos de psicologia educacional e outros campos no panorama brasileiro; e, são inúmeras as contribuições nesse sentido. Em conse-

quência disso, perde a autora a oportunidade de oferecer ao leitor as questões essenciais, tanto teóricas como práticas, que convém ao estudo atual da psicologia: um panorama histórico da Psicologia, o que se faria mostrando como esse conhecimento é produzido, e quais as implicações do seu uso no ensino de conteúdos em sala de aula, em atividades de reabilitação física e outras, para citar alguns exemplos; e, se possível, acompanhada de sugestões de atividades e experimentos para realização pelo leitor-aprendiz, vivências que propiciem uma interação menos formal e estática com a Psicologia.